

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

CLEVERTON BORGES PEIXOTO

**Arte e presídio: Uma reflexão sobre as aulas de arte na E.E.
Padre Eduardo Jordi**

Dezembro
2016

Resumo

Essa reflexão trata de uma análise crítica a partir das aulas de arte na Escola Estadual Padre Eduardo Jordi no presídio de Araguari-MG. Aponto os desafios enfrentados ao longo de anos como professor na unidade. Descrevo o espaço da escola e suas características, a forma como se desenvolve as aulas e planejamento.

Cito ao longo do texto experiências que foram acontecendo durante esses anos. Aponto dificuldades e acertos que serviram de reflexões para se repensar as aulas de arte. Toda essa questão sobre os movimentos dentro da unidade e o papel de cada um que faz com que esse trabalho aconteça.

Palavras-chave: Presídio, EJA, Ensino de Arte

Resume

This reflection deals with a critical analysis from the art classes at the Padre Eduardo Jordi State School in the prison of Araguari-MG. I point out the challenges I have faced over the years as a teacher in the unit. I describe the space of the school and its characteristics, the way the classes are developed and planning.

I quote throughout the text experiences that have been going on during these years. I point out difficulties and answers that served as reflections to rethink art classes. All this question about the movements within the unit and the role of each one that makes that work happen.

Keywords: Prison, EJA, Teaching Art

Introdução

Pensar numa escola que funciona dentro de uma unidade prisional como lugar de experimentação, de trajetória, é o que me motiva enquanto objeto de reflexão para o mestrado.

Propiciar questionamentos enquanto professor de arte em um ambiente que se intitula ressocializador e, partilhar experiências com os alunos, reforça a ideia de que a arte consegue de forma singular estabelecer uma ponte entre a prisão e o mundo externo onde as regras são completamente diferentes.

A tensão maior da reflexão é lidar diretamente com os aspectos materiais existentes para que as aulas operem de forma a contemplar os objetivos elaborados durante a elaboração dos planejamentos. Nesse artigo, abordarei os aspectos objetivos das relações existentes no ambiente prisional - corpo-espço - para discutir as reais condições para a execução do trabalho. Dentro do presídio impõem-se uma serie de regras a serem obedecidas para que as aulas aconteçam. Um dos questionamentos surgidos durante a pesquisa é quanto o papel ressocializador da escola em meio as essas regras. *Ressocializar não depende de um plano de aula adequado ou de uma aula bem dada.* Existe aí um processo a ser questionado afim de se estabelecer uma trajetória a ser alcançada por cada aluno.

Outro ponto crucial da pesquisa é o fato de moldar as aulas repensando o espaço como ambiente criador. Despertar não só o desejo para se criar como também o corpo para se integrar ao espaço. Qual a motivação para que isso aconteça? De onde impulsionar isso em um local onde se tem regras até para as necessidades básicas como alimentar e ir ao banheiro?

Acredito contribuir com os demais professores de arte que exerçam sua atividades em unidades prisionais, compartilhando minhas experiências ao longo de oito anos como professor dentro do sistema prisional.

2. Caracterização do espaço

A Escola Estadual Padre Eduardo Jordi, que funciona dentro da unidade do Presídio de Araguari – MG, iniciou suas atividades em 2007. A modalidade de ensino é o EJA (Ensino de Jovens e Adultos) e atualmente conta com turmas de alfabetização, ensino fundamental e médio. O espaço da escola é pequeno. São quatro salas onde cabem no máximo dez alunos cada e mais uma sala onde fica localizada a diretoria, secretaria e o espaço dos professores.



Figura 1: Salas 01 e 02 da E. E. Padre Eduardo Jordi, fotografado por mim.

Figura 2: Salas 03,04 e diretoria da E.E. Padre Eduardo Jordi, fotografado por mim.

No momento que o aluno passa por uma entrevista com a pedagoga da unidade, é matriculado e começa a frequentar as aulas. A frequência é alternada em remissão. Cada dia na escola se converte em horas a menos na pena. A remissão acaba se tornando um incentivo para frequentar as aulas. Poucos são aqueles que vão por desejo de concluir os estudos. As aulas são divididas em três turnos com três horários de cinquenta minutos cada. As aulas de Arte acontecem uma única vez por semana e um horário em cada sala. Nas turmas de alfabetização, as regentes que são responsáveis pela disciplina. Os conteúdos são planejados de forma diferenciada ao ensino regular. Não apenas por ser EJA, mas pelo fato dos alunos terem um diferencial: estão em um ambiente prisional. O papel da escola é também de auxiliar num processo chamado de ressocialização. A recuperação do detento, historicamente implica a disciplinar essas pessoas ditas criminosas. Todo esse sistema carcerário foi projetado de modo a tornar os “corpos dóceis”: “ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (FOUCALT, 2004, P.117).

Na minha percepção, o papel da escola é pequeno enquanto agente ressocializador devido a limitação e as barreiras por funcionar dentro de uma unidade que é regida por vastos procedimentos de segurança. Por isso, toda aula é pensada de forma a interagir com o aluno para que ele se sinta a vontade no espaço da escola. Todo aluno passa por revista onde é necessário se despir antes e depois das aulas. Chegam algemados dentro de sala e, após a entrada de cada professor, as algemas são retiradas. Além de todo esse processo, dentro de cada um dos dois blocos existentes no presídio de Araguari, tem as celas que são formadas por alunos e trabalhadores de uma horta cultivada na parte externa da unidade. Muitos reclamam pois dormiam em camas enquanto estavam em outras celas. Com a celas lotadas, ao mudar perdem o direito da cama e passam a dormir no que eles mesmos chamam *Favela*, no chão em colchões. Muitos desistem da escola por conta disso.

Uma das formas utilizadas para se trabalhar a ressocialização, é através de projetos. Alguns são feitos fora do horário de aula e com a família dos alunos. Recentemente, foi realizado o projeto do dia das crianças com os filhos dos detentos. Foram distribuídos presentes as crianças no espaço da família que fica do lado de fora do presídio no dia de sábado no final do horário de visitação. A maioria dos alunos partilha conosco a vontade de mudar de vida e voltar para a sociedade com sua situação regularizada. Muitos infelizmente voltam ao cárcere por falta de oportunidade do lado de fora. Voltam a cometer os mesmo crimes para o próprio sustento.

Outro projeto que consideramos ser bem sucedido dentre os outros, são os filmes. Há uma escolha de temas onde todas as disciplinas em conjunto trabalham ao mesmo tempo. Ao final, a culminância se dá através de algum filme onde o tema é o foco. Os alunos veem como diferencial e conclui-se que os filmes desperta discussões, principalmente se o tema for algo da vivência deles como preconceito, por exemplo. É notório o desejo de cada um de colocar pra fora o que pensam do sistema onde vivem, e na escola eles se sentem a vontade pra falar. O professor dentro de uma unidade prisional é visto como uma figura de confiança, um membro da família. Já aconteceu de diversas vezes o que foi planejado para o dia ser mudado porque simplesmente o aluno tem o desejo de contar sua história, de ser ouvido. Percebo então que suas histórias servem de roteiros para as próximas aulas.

3. O fluxo de experiências

Minha formação é em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Uberlândia. Durante o período de graduação, meu trabalho de conclusão de curso aconteceu dentro da unidade em que trabalho. A pesquisa contemplava a correlação entre os desenhos feitos pelos presos em suas cartas para a família com o movimento de arte-postal. Durante esse processo, pude observar o desejo de cada aluno/detento de apresentar a família uma pessoa que estava em processo de ressocialização. Cada desenho era uma forma de demonstrar que estava acontecendo esse processo. O trabalho se prolonga até os dias de hoje como uma forma de pesquisa secundária e serve como avaliação formativa.

Dentro da disciplina, interajo com os alunos a partir de suas próprias histórias e dos trabalhos com o crochê que desenvolvem no interior das celas. Trabalho esse que aprendem dentro das celas com outros detentos. Lá produzem tapetes, jogos de banheiro e outras peças. O trabalho desenvolvido no crochê também conta como remissão. As peças são vendidas pelos familiares fora do presídio e o dinheiro retorna para o preso em forma de cordão para a realização de novos trabalhos e cigarro que é usado como dinheiro por eles.

A respeito do conteúdo da disciplina de artes, a escola conta com material fornecido pela secretária de ensino de Minas Gerais, que é composto por um livro didático multidisciplinar para as turmas de Ensino Médio e Fundamental. O livro é voltado para o cotidiano do aluno que está fora do presídio, ressaltando que, não há um material específico para alunos das escolas prisionais. Além desse material, acrescento aulas com música e exercícios de desenhos. Utilizando o violão, instrumento no qual exerço certo domínio, trabalho a música de forma a ambientar o espaço. Em alguns alunos desperta o desejo de querer aprender a técnica do instrumento. Um exemplo disso é do aluno Osmar, do sexto ano do ensino fundamental, preso por assassinato e tráfico de drogas. A sala é composta por ele e mais três alunos. Um dia ele revelou o desejo de aprender a tocar o violão. Me dispus então a ensiná-lo. Mudei todo o planejamento incluindo as aulas de música para ele em particular. Os demais alunos cumpriam o planejamento inicial de atividades. Ao longo das aulas, percebi o seu desenvolvimento de forma crescente e significativa. Percebi também a influência que o instrumento estava exercendo em seu processo de ressocialização. Um dia, só ele estava presente na aula, e se sentiu a vontade de falar sobre a importância das aulas. Disse ter parado com o uso do cigarro e que despertou nele o desejo de mudar de vida quando sair. Confessou também o desejo de um dia poder cantar uma música para a mãe. Diante

desse exemplo (e de vários outros), que a escola tem sim um valor na vida de cada um que está ali buscando um desejo de mudança.

Além do conteúdo teórico e musical, o desenho é outro meio pelo qual eu proponho alguns experimentos. Materiais como tinta guache, lápis de cor, papéis coloridos e de diferentes gramaturas, com os quais os alunos criam possibilidades de expressão com temática geralmente acordada entre todos. Alguns alunos se propõem a expor seus trabalhos no espaço da sala para a apreciação dos demais colegas e professores dos outros turnos. Certa vez, um aluno do ensino fundamental, revelou que gostava de pintar telas. Preparei um material para que ele, durante as aulas de artes, pudesse pintar dentro da sala de aula. O resultado foi um trabalho feito em cartolina que acabou se tornando um trabalho exposto na sala dos professores.

Todos os exercícios são avaliados de acordo com o processo de cada um. Um dos desafios enfrentados pela escola é o processo de rotatividade que acontece pelo fato de ser um presídio no qual o detento geralmente fica o tempo necessário até a condenação. Após a sentença e, dependendo da duração da pena, são transferidos para penitenciárias da região. Mediante isso, todo trabalho da escola é pensado de maneira a contemplar esse espaço de tempo que o aluno frequenta as aulas. Quando essa rotatividade acontece, todo trabalho é reiniciado independente da época em que o aluno ganha o alvará de soltura ou é transferido e outro é matriculado. Existe caso de alunos que ganham o alvará de soltura, mas acaba retornando por voltarem a cometer novos crimes. Quando isso acontece, o aluno volta à série onde parou e continua o estudo. Esse processo causa um transtorno a escola pelo fato de não haver um estatuto que rege as escolas prisionais.

Precisamos de uma proposta curricular que caracteriza-se por propiciar ao aluno várias oportunidades para desenvolver uma postura crítica e reflexiva diante das novas ideias, teorias e conhecimentos, contextualizando conteúdos e habilidades com a prática cotidiana, tendo como princípio a valorização da saber prévio daqueles que voltam a sala de aula, dando espaço as suas vivências e histórias. Uma vez reinseridos na EJA, esses alunos (detentos) devem ser estimulados a prosseguir, criando para si uma nova perspectiva de vida, devido ao aprimoramento de sua capacidade intelectual proporcionada pela possibilidade de melhora profissional, pessoal, social e familiar.(CÁSSIA, 2015)

Não existe um diálogo (consistente) entre as escolas prisionais. Cada uma trabalha segundo a sua realidade e sua demanda. Quando há um contato entre as escolas prisionais do estado de Minas Gerais, um dos questionamentos entre os professores é sobre o não recebimento do benefício de periculosidade que funcionários das unidades

prisionais, mais precisamente da secretaria de segurança, recebem. Os professores são os únicos que trabalham com os detentos sem algemas. Existem escolas onde as salas são estruturadas de forma a haver uma separação por grades entre alunos e professores visando a segurança dos mesmos. Não é o caso da escola Padre Eduardo Jordi. Tivemos caso de um aluno com tuberculose. Todos os professores passaram por exames para detectar se houve a infecção. Felizmente ninguém se infectou. Outra dificuldade é a quantidade de salas. Atualmente, existem duas salas em diferentes turnos que são multiseriadas. Esse foi o caminho encontrado para atender a demanda de alunos que buscam frequentar as aulas.

Ao longo dos anos em que trabalho na escola, muitos foram os professores que desistiram por não se adaptarem a forma de trabalho. Atualmente eu e mais uma professora somos os que estão a mais tempo na escola. Houve caso de professores que desistiram por desenvolverem problemas psicológicos diante a tensão do local. Teve uma vez que o um aluno se masturbou dentro da sala junto com a professora. Imediatamente ela chamou o agente que recolheu o detento e retornou com ele para a cela. Posteriormente o aluno foi punido. A professora mudou de escola. Já aconteceu de professor ser ameaçado por aluno.

Perante a esses casos e outros, que a contratação dos professores passa por um processo de entrevista e investigação social. A direção da unidade juntamente com a pedagoga realiza essa etapa. Para auxiliar a escola e o corpo administrativo do presídio, a direção de segurança, anualmente, realiza treinamento com os profissionais com simulações de fuga em caso de motim e procedimentos diante uma rebelião. Até hoje, não houve nenhum caso de rebelião. Quando há indício de motim, imediatamente toda a parte administrativa e escola é evacuada.

Ao longo dos anos trabalhando na escola Padre Eduardo, houve diversas mudanças significativas no presídio como: procedimentos, agentes e direção. Toda mudança atinge não só os presos, mas também a escola e a administração. Isso acaba interferindo no trabalho pois é preciso se adequar as novas regras. Algo como um procedimento dentro das celas implica em não funcionamento da escola. Por diversas vezes tivemos que cumprir os horários sem a presença dos alunos. Houve mudanças quanto à maneira adequada de nós professores de se vestir. Desde o início do funcionamento das atividades, é obrigado o uso de jaleco pelos professores e demais funcionários da escola. Atualmente, foi proibido pela direção, a entrada de pendrives na unidade. Ferramenta que nós professores usamos constantemente tendo em vista que os

diários são eletrônicos. Sendo assim, a escola se torna dependente da secretária de segurança. Toda e qualquer decisão da escola tem que ser passada por uma avaliação da pedagoga e da direção do presídio. Todo projeto tem que ser pensado para não descumprir nenhuma das regras. Desde o material a ser usado quanto as atividades que aconteçam fora do horário das atividades escolares. Enquanto professor, me vejo numa situação de limitação sendo que, nossa função seja ampliar o olhar do aluno. O grande desafio de quem trabalha em uma situação assim seja a de reinventar maneiras para motivar o aluno a criar em um espaço onde as referencias são mínimas. No mestrado, tive a oportunidade de estimular uma reflexão a partir de um angulo direcionado a uma linguagem teatral. Em um primeiro momento, a proposta era uma oficina onde trabalharíamos com criação de bonecos para teatro de animação. A oficina aconteceria durante as aulas de arte. A direção da escola juntamente com a direção do presídio e a pedagoga, aprovaram o projeto. Ao iniciar o trabalho, houve mudanças na direção do presídio e posteriormente, mudaria também a direção da escola. O trabalho teve que ser repensado por conta disso. A cada mudança que há na direção, novas regras são adequadas.

3. Os corpos e os espaços

Todo movimento do preso dentro da unidade é monitorado e cercado de ritos que devem ser respeitados. A cada rito, uma tensão. O uso do uniforme, a maneira como o corpo tem que se portar a partir do momento que sai da cela para desempenhar alguma função, enfim, são repetidos inúmeras vezes. Os agentes também seguem ritos. A remoção de um preso, a revista e o cessar de um conflito. Todo rito carrega em si uma tensão. O presídio é um espaço de corpos tensionados onde o movimento exige ser trabalhado de forma a contemplar não só um acervo de regras, mas aos desejos naturais. Essa tensão se aplica a escola também. Um desafio encarado com destreza durante as aulas.

No mestrado, tive a oportunidade de continuar a pesquisa a partir de um angulo direcionado a uma linguagem teatral. Em um primeiro momento, a proposta era uma oficina onde trabalharíamos com criação de bonecos para teatro de animação. A oficina aconteceria durante as aulas de arte. A direção da escola juntamente com a direção do presídio e a pedagoga, aprovaram o projeto. Ao iniciar o trabalho, houve mudanças na

direção do presídio e posteriormente, mudaria também a direção da escola. O trabalho teve que ser repensado por conta disso.

A questão de fato é repensar o espaço onde as pessoas que fazem parte dessa realidade não tem voz ativa nas transformações do mundo, tornando assim indivíduos que não exercem sua criatividade e ludicidade. Focando ainda em se tratar de presídio, há de se pensar na limitação física do sujeito, que implica em uma série de dificuldades tanto emocionais quanto intelectuais.

Observações finais

Ao longo de todo trabalho realizado na escola estadual Padre Eduardo Jordi, pude concluir que há uma necessidade em se repensar o ensino e suas práticas como forma de ressocialização no sistema carcerário. Há uma gama de intervenções que fazem do trabalho um desafio a ser encarado com grandes dificuldades. Desde o material para se trabalhar, até a logística e burocracia para que as aulas aconteçam. O problema vem desde a equipe de agentes que fazem a locomoção dos presos as salas de aula, até a secretaria de ensino que não propôs ainda uma resolução que nos guie enquanto professores que trabalham em sistemas prisionais. Acredito que a escola possa auxiliar no papel de agente ressocializador, mas atualmente isso acontece de forma clandestina, onde o professor as vezes precisa burlar o próprio sistema afim de dar uma aula que seja apropriada para a necessidade da escola e contemple o planejamento.

A aula de artes é um meio interessante para se alcançar os objetivos propostos para que haja uma ressocialização. A expressão se dá muitas vezes por forma da arte, e não simplesmente verbalmente. Existe uma tensão que proíbe o aluno/detento de se manifestar devido a sua condição.

Têm que se olhar para dentro desses muros e perceber que há potências reprimidas ali. É preciso desmontar esses corpos tensionados e permitir novos movimentos.

Referencias Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir – nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2004

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

SARTRE, Jean-Paul. O muro. São Paulo: Círculo do Livro, 1987

Artigo

DE DEUS, Rita de Cássia José. Papel da EJA nas unidades prisionais. Projeto de intervenção apresentado ao curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos. Uberlândia: FAGED/UFU, 2016